

11º. Domingo depois de Pentecostes Próprio 16

1ª leitura (Antigo Testamento) - Josué 24.1-2ª, 14-25

O texto de Josué 24 tem um valor em si mesmo para a definição da fé de Israel. Von Rad, o chama (junto com Dt 6:20-24 e 26:5-9) de "*Credo Histórico de Israel*". No entanto, a diferença deste Credo em relação aos anteriores é ser um pouco posterior e estar inserido dentro uma profunda revisão histórica de Israel chamada de "Obra Historiográfica Deuteronomística" que inclui Josué, Juizes, 1 e 2 Samuel e 1e 2 Reis. A revisão Deuteronomística foi consequência do exílio babilônico que significou a escravização da elite de Judá e a completa destruição do Templo de Jerusalém em 587 a.C. Essa elite política e sacerdotal isolada na Babilônia se perguntava por que seu Deus, que os tinha eleito como povo amado, permitiu que tal desgraça se abatesse sobre sua terra, seu povo e sua fé (simbolizada no Templo).

Resulta também muito interessante que o livro de Josué coloque a profissão de fé de Israel depois da tomada da terra. Esta fé é vista então como resposta do povo a ação de Deus. Não é uma fé imposta, não é uma fé irracional, não é uma fé somente mística, mas é uma fé que emerge da intervenção de Deus na história, da avaliação da participação do povo nessa história e da necessária cumplicidade entre Deus e seu povo. Desta forma, os revisores deuteronomistas queriam sinalizar que Deus sempre foi claro nas opções colocadas diante do povo, que Deus sempre tomou a iniciativa e que jamais foi um Deus distante, desinteressado ou omissos. Vejamos como se apresenta este Credo:

Indica o caráter coletivo da profissão de fé (v.1-2ª)

A revelação da opção de Deus por famílias nômades, sem terra (v. 3-4).

A revelação da opção de Deus por pessoas escravizadas (v.5-7).

A revelação da opção de Deus pela vida do seu povo dando a terra (v.8-13; especialmente o 13!)

Este conteúdo não está presente na indicação do lecionário, mas é indispensável para entender a resposta de fé deste povo nos versículos 14 em diante. Veja que Josué inicia sua apelação dizendo: "*E agora reverenciai...*" (seguindo uma opção de tradução a partir do hebraico) que Almeida e TEB traduzem como "*temei*". Pessoalmente prefiro a reverência que indica a identificação entre o povo e Deus através da suas opções sociais, políticas e econômicas na história das ações divinas na história. Josué ainda vai ressaltar que o centro desta fé está na libertação do povo escravo (v. 17-18, cf. v.5-7) sendo esta a principal característica que diferencia o SENHOR das divindades tanto Egito como da Mesopotâmia (além do Eufrates) que eram divindades à serviço dos poderosos.

Surpreende o tom ameaçador dos versículos 19 a 25 que pintam um Deus sem misericórdia. Esse exagero do "*zele*" se explica através dos próprios deuteronomistas que passam um recado para os exilados que, como elite governante, tinham abandonado todas as opções de Deus e seguido divindades que promoviam a opressão e a morte (cf. Miquéias 3:9-12, Amós 5:21-27 e Isaías 1: 21-28). (HMG)

2ª leitura (Epístola) - Efésios 5 21-33

Trata-se do código da família aceito no mundo daqueles dias colocado num contexto cristão. Em relação a Gálatas 3.27, o patriarcalismo é reforçado em relação à exortação à mulher (vs. 22ss.) Neste sentido é um retrocesso. Porém, em relação ao marido há indicação para ir além das práticas sociais do mundo em que a Igreja de Éfeso vivia. A base disso está em Cristo que fez a doação de si mesmo. O mistério da união conjugal está na doação com que Cristo ama a Igreja. No que se refere à mutualidade, o apóstolo, em 1Co 11.11, fala na igualdade, na interdependência em Cristo: "*Diante do Senhor a mulher é inseparável do homem e o homem da mulher. Pois se a mulher foi tirada do homem, o homem nasce da mulher e tudo vem de Deus*". Ao passo que, em Efésios, o homem deve amar a mulher e a mulher deve respeitar o marido.

Há, de fato, um retrocesso. Talvez o retrocesso esteja na adoção do "código da casa ou da família" vigente na cultura da época. Tal desenvolvimento da tradição não é neutro e por isso, é preciso ler o texto, por exemplo, à luz de Gálatas 3.28, isto é, ler com a percepção do novo relacionamento, da nova criação em Cristo que se está inserindo no mundo. Dessa perspectiva, o vs. 21 é muito importante: "sejam submissos uns aos outros no temor a Cristo". Isso vem corrigir a analogia "Cristo-e-Igreja" aplicada para a relação marido-e-mulher diretamente no vs. 24. No vs. 29 a relação entre Cristo e Igreja é a base da relação mútua. Também é importante trazer para esta reflexão a derrubada do muro de separação e inimizade e conseqüente paz. É importante se lembrar sempre de que a Palavra de Deus nos vem através das palavras humanas como nossas de hoje condicionadas histórica, cultural e sociologicamente. (ST)

Santo Evangelho: João 6.60-69

Há muito que Newton ensinava que "a toda ação corresponde uma reação". As palavras de Jesus apresentadas nos versículos anteriores não poderiam ficar sem reação alguma. O texto de hoje apresenta justamente estas reações. Aqui encontramos as diversas pessoas reagindo à mensagem do Reino e à palavra de Jesus. O que aprendemos é que, diante da pregação do Evangelho do Reino, as reações são as mesmas. Neste texto aprendemos que é possível reagir de várias formas a esta mensagem.

Em primeiro lugar, o texto nos diz que *todos acham a palavra "dura"* (v. 60): "dura é esta palavra, quem a pode ouvir?" O que isto significa? Qual a implicação disso para nossos dias? Pelo que podemos ver, esta palavra é "dura" (áspera, ressequida, no grego) porque exige uma posição. Diante da pessoa de Jesus não podemos simplesmente suspender o juízo. Ou ele é ou não é o Pão que desceu dos céus. Ou ele é ou não é alimento para nossa alma. Ou ele pode ou não nos dar vida eterna. Precisamos assumir a posição que queremos seguir, e isto é "duro". Esta palavra é dura porque produz ruptura e desestabilização. Assumir, significa ter que romper com uma postura tão

comum hoje em dia: "ficar em cima do muro". Esta palavra é dura porque ela relativiza todos os ícones da história hebraica (Moisés) e os reduz a indicadores daquele que haveria de vir: Cristo, o Pão vivo que desceu do céu.

Em segundo lugar, o texto nos diz que *muitos o abandonaram* (v. 66). A construção grega deste texto é muito interessante. Ela diz que as pessoas deixaram de andar com ele (*periepatoun*) "a partir deste tempo" ou "por esta razão". Há uma relação de causalidade aqui. Por causa de sua palavra "dura", em função e como resultado de sua palavra "dura", muitos deixaram de andar com ele. Mas Jesus já sabia disso. Isto não o assustou primeiro porque ele não estava a procura de uma grande platéia para que o aplaudisse e depois porque já sabia que, desde o princípio, haviam descrentes entre eles (64)

Finalmente, o texto nos diz que *os doze permaneceram* (v. 67, 68). Diante do abandono de tantos seguidores, Jesus se dirige aos seus doze discípulos e pergunta: "e quanto a vocês, me deixarão também?" Pedro, de forma maravilhosa, toma a palavra e pronuncia uma das mais lindas sentenças da Bíblia: "Senhor, para onde iremos se só tu tens as palavras de vida eterna?" (v. 68) Ter "palavras de vida eterna" é o mesmo que "ter poder para dar a vida eterna". E Pedro sabia que só quem comia deste pão poderia está unido a ele e gozar da vida eterna. Por isso, como representante do grupo ele diz literalmente: "junto a quem andaremos...?"

Só Cristo pode dar a vida que o mundo tanto quer e necessita. Para isso, contudo, é preciso receber a "dura" palavra de Cristo com fé e se alimentar desta comida celestial. Para isso, contudo, é preciso assumir a condição de discípulo e seguir o mestre por onde o mestre mandar.(JLFA)